

A CAPELA DE SANTA TERESA DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO DA CIDADE DE SÃO PAULO E O RESGATE DA PINTURA DO PADRE JESUÍNO DO MONTE CARMELO

Eduardo Tsutomu Murayama
Mestrando do Instituto de Artes / UNESP

RESUMO

Este trabalho apresenta a pesquisa que desenvolvo como mestrando do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP, sob orientação do Prof.º Dr. Percival Tirapeli, estudioso do barroco brasileiro. Trata-se do levantamento histórico, iconográfico e da análise estética das obras de arte sacra contidas no interior da Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira do Carmo da cidade de São Paulo, detentora de um dos acervos mais representativos da arte colonial paulistana. Atenção especial é dada às pinturas do forro da nave do templo, executadas em fins do século XVIII pelo padre pintor Jesuíno do Monte Carmelo. O painel central deste foi recentemente resgatado, restaurado e reapresentado ao público pelo IPHAN, depois de passar mais de um século oculto.

Palavras-chave: arte barroca, arte sacra, pintura colonial paulista, Jesuíno do Monte Carmelo, Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo

ABSTRACT

This works presents the research I am developing as a pupil at Instituto de Artes of Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP, oriented by professor Percival Tirapeli, researcher of the Brazilian baroque. It refers about the historical and iconographic surveys and the aesthetic analysis of the works of sacred art contained in the interior of the Capela de Santa Teresa of the Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, which detains one of the most representative collections of the Paulistana Colonial Art. Special attention is given to the painting's ceiling of the temple, which were executed at the end of 18th Century by the painter priest Jesuíno do Monte Carmelo. Its central panel was recently rescued, restored and resubmitted to the public by IPHAN after staying more than a century occult.

Key-words: baroque art, sacred art, São Paulo colonial painting, Jesuíno do Monte Carmelo, Chapel of the Venerable Third Order of the Carmo of São Paulo

No início de dezembro de 2008, os jornais paulistas publicaram matérias anunciando a descoberta de uma pintura do século XVIII no teto de uma tradicional igreja paulistana¹. Na realidade, não se tratava de uma descoberta, mas a confirmação de uma possibilidade levantada nos anos 1940 pelo crítico de arte Mário de Andrade. Inventariando obras de arte do período colonial paulista para o então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, Mário desconfiou que a pintura original do teto da nave ainda poderia existir intacta sob as camadas de pintura que encontrou à época de seu levantamento. A ratificação da teoria do competente crítico e o ressurgimento

da obra pictórica em todas as suas cores barrocas é uma contribuição extraordinária para a história da pintura colonial paulista.

A tradicional igreja em questão é a Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira do Carmo da Cidade de São Paulo² e a pintura, representando Nossa Senhora do Carmo, executada entre 1796 e 1798, de autoria do padre pintor Jesuíno do Monte Carmelo (figura 1).



Figura 1. Detalhe do forro restaurado da nave da Capela da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, 1796-1798, de Jesuíno do Monte Carmelo.

A teoria da pintura oculta foi confirmada apenas em 2007, e depois de pouco mais de três meses de minucioso trabalho de recuperação³, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, por meio de sua 9.ª Superintendência Regional de São Paulo, anunciou o ressurgimento dessa importante obra de arte de nosso período colonial. A pintura estava escondida há cerca de 120 anos e pode ser considerada a obra-prima de Jesuíno. Para o restaurador Julio Moraes “*muito se conhece da pintura colonial de Minas, da Bahia e do Rio de Janeiro, mas pouco se conhece da pintura paulista do século XVIII*”. O resgate dessa pintura colaborará com os estudiosos e pesquisadores de arte no entendimento da pintura paulistana dos setecentos.

Todavia, esse trabalho não seria possível sem os esforços e a Perseverança do historiador Carlos Gutierrez Cerqueira, do IPHAN de São Paulo, autor do projeto *A Pintura Invisível do Padre Jesuíno do Monte Carmelo: Resgate de uma Pintura Colonial Paulista*⁴ e responsável pelo exultante resultado.

Porém, a compreensão do valor dessa *descoberta* para a história da arte paulista abrange não apenas a obra pictórica de maneira isolada, mas o entendimento das transformações que marcaram a Capela da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo e a vida do padre artista Jesuíno do Monte Carmelo.

A arte barroca brasileira atravessou parte do século XIX esquecida, abandonada, e quando passou a ser objeto de estudo pelos pesquisadores no século XX, muito dela já havia se perdido. Como comenta o pesquisador Eduardo Etzel, desenvolveram-se no período colonial brasileiro dois "*estilos*" barrocos que se contrapõem. De um lado o barroco suntuoso da Bahia, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e das regiões de Minas Gerais, localidades por onde passou o poder econômico e político da colônia; e do outro, o barroco modesto das regiões que se mantiveram em segundo plano no cenário econômico e político do país até meados do século XIX, como é o caso de São Paulo, de Goiás, do Mato Grosso e dos demais estados da região sul do país (Etzel, 1974, p. 23).

A separação da arte colonial brasileira em dois grupos privilegiou o barroco exuberante do litoral nordestino, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, que acabaram ganhando maior destaque por parte dos estudiosos, e por conseqüência, vasta bibliografia, inclusive de renomados especialistas estrangeiros, como Germain Bazin e Robert Smith. Ao contrário, as outras regiões do país, com suas expressões artísticas consideradas de menor relevância, foram deixadas de lado, caindo no desinteresse dos pesquisadores (Etzel, 1974, p.129).

Fatores como a posição geográfica, política e econômica dessas localidades no Brasil seiscentista e setecentista influenciaram o caráter de suas produções artísticas. No caso da cidade de São Paulo, apesar desta se encontrar em região vasta e isolada geograficamente dos grandes centros políticos e econômicos do país no período colonial, conseguiu desenvolver singelas, mas belas, manifestações de arte barroca e rococó. E a igreja do Carmo é um respeitável exemplo dessas manifestações que resistiram ao tempo.

Entretanto, para entender a arte colonial paulista é preciso, primeiramente, deixar de lado as comparações entre a opulência da produção das regiões mais ricas ou a modéstia das regiões menos favorecidas. O estudo

da arte barroca e rococó desenvolvida em São Paulo deve ser entendida e analisada em um contexto próprio, particular (Tirapeli, 2005, p. 92).

Para o entendimento desse contexto específico da arte colonial paulistana é preciso considerar que, a exemplo do que ocorre em outras localidades do país, os principais resquícios de arte barroca e rococó estão nas construções religiosas e nas obras de arte sacra. Em São Paulo, a pobreza da região no período e a falta de material mais resistente para as construções ocasionaram a precariedade dos templos, construídos em taipa de pilão, que ruíram simplesmente com o tempo. Paradoxalmente, a riqueza modernizadora do século XX levou à demolição de inúmeras dessas edificações para a construção da nova metrópole. Como comenta Etzel, *"o progresso urbano, incompatível com vielas estreitas e tortuosas bloqueadas pelas numerosas igrejas que escaparam à ruína, determinou a demolição de quase todas as restantes"* (Etzel, 1974, p. 139).

Além das ruínas e demolições das igrejas e conventos, outros fatores, como as sucessivas reconstruções, acabaram por descaracterizar ou até deformar as obras originais. Nesse processo, grande parte de nossa arte barroca e rococó - construções arquitetônicas, talhas, pinturas, imaginárias, móveis, entre outros - foram danificados, perdidos, desmembrados ou destruídos. O descaso e abandono, frutos do pouco interesse oficial e público, também influenciaram no aniquilamento de muito de nossa arte barroca, não se atribuindo nenhuma atenção ou importância para os valores históricos e artísticos das obras sacrificadas.

Milagrosamente, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo escapou da destruição quando da remodelação do centro histórico da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

A Ordem do Carmo aporta em Santos em 1580, instalando-se na vila de São Paulo de Piratininga a partir de 1590. O alojamento e o templo que serviria de núcleo para o futuro convento e igreja da Ordem Primeira do Carmo foi construído entre 1592 e 1594. Em 1594 também é criada a Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, que inaugura sua primeira capela ao lado da igreja dos frades em 1632. Entre 1676 e 1691 a Capela dos Terceiros Carmelitanos é reconstruída em taipa de pilão. Continuava anexa à nave da igreja da Ordem

Primeira, formando com a torre da igreja dos frades e o convento, o Conjunto Carmelita da cidade (figura 2).



Figura 2. O conjunto do Carmo de São Paulo em 1862: o convento à esquerda, a igreja da Ordem Primeira ao centro, a torre e a Capela da Ordem Terceira. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo.

A capela nova da Ordem Terceira, com a configuração próxima a que conhecemos hoje, foi iniciada em 1747 e concluída em 1758. Em 1772 foi executado novo frontispício, devido ao aumento do corpo dos edifícios da Ordem Primeira, para que o conjunto ficasse alinhado. O convento, a igreja da Ordem Primeira, a torre e a igreja da Ordem Terceira lado a lado mantiveram essa conformação até o início do século XX.

Em 1928, o Governo do Estado de São Paulo desapropriou o terreno do conjunto dos carmelitas e demoliu o convento e a Igreja da Ordem Primeira⁵ para o alargamento da Avenida Rangel Pestana e para a construção do edifício da Secretaria da Fazenda, restando no local apenas a Igreja da Ordem Terceira. Outras reformas dentro do plano de reurbanização do centro da cidade também tomaram a lateral direita da igreja dos terceiros carmelitanos devido o calçamento e alargamento da Rua do Carmo, o que resultou na diminuição da sacristia e do corredor lateral (figura 3).

Após tantas perdas e remodelações, o que de mais importante restou ao templo da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo foi sua ornamentação interna (figura 4) – talhas, imaginárias, douração e móveis originais do período barroco e subseqüentes – mas, principalmente, as obras de pintura executadas em fins do século XVIII por José Patrício da Silva Manso (1740-1801) no forro da sacristia e pelo padre Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819) no teto da nave.



Figura 3. Vista atual da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, no centro da cidade. O edifício ao lado esquerdo é o da Secretaria da Fazenda, construído onde antes se encontrava a Igreja da Ordem Primeira e o Convento. Foto de dez. de 2008.



Figura 4. Altar-mor em estilo rococó da Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, de autoria do mestre José de Oliveira Fernandes, 1793.

Também fazem parte do acervo da igreja o conjunto de 18 painéis de autoria do padre Jesuíno, provenientes do antigo Recolhimento de Santa Teresa⁶.

Em 2006, o IPHAN restaurou a pintura do teto da sacristia executado pelo artista José Patrício da Silva Manso, natural de Sabará, MG. Trata-se, conforme disse Mário de Andrade, de uma das mais belas pinturas do período colonial paulista, *Nossa Senhora com o Menino e Santa Teresa* (1785). José Patrício havia pintado a teto da nave da igreja matriz de Itu e fora mestre de Jesuíno.

Jesuíno Francisco de Paula Gusmão nasceu em Santos / SP, em 1764 e foi dourador, construtor de órgão, pintor de imagens de santos e tetos de igreja, músico e arquiteto, atuante nas cidades de Santos, São Paulo e Itu entre o final do século XVIII e início do século XIX. Não se sabe com quem aprendeu o ofício de pintor, mas enquanto esteve na cidade de Itu foi auxiliar de José Patrício da Silva Manso, que ali trabalhou entre 1780 e 1784. Em 1784 casa-se, em Itu, com Maria Francisca de Godói. No período compreendido até 1795 realizou as pinturas da Igreja do Carmo de Itu (figura 5), o que lhe rendeu o



Figura 5. Detalhe do teto da igreja do Carmo de Itu / SP, de autoria de Jesuíno do Monte Carmelo, século XVIII.

convite para pintar o teto das igrejas do Carmo de São Paulo – Igreja da Ordem Primeira, Recolhimento de Santa Teresa e Igreja da Ordem Terceira.

Permanece em São Paulo até 1798. Após enviudar, em 1793, decide dedicar-se à vida religiosa. Em 1797 ordena-se padre, com o nome de Jesuíno do Monte Carmelo. Porém, por ser mulato, teve recusado seu pedido para entrar na ordem terceira carmelitana. Faleceu em 1819, em Itu / SP.

Para o crítico de arte Mário de Andrade, Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, o artista padre Jesuíno do Monte Carmelo, é o "*maior representante do barroco paulista*" (Andrade, 1963, p. 202). Na década de 1940, ao escrever uma monografia a respeito do padre Jesuíno para o SPHAN, Mário de Andrade chegou a eleger o trabalho de pintura no teto da nave da igreja dos terceiros carmelitas de São Paulo como a "*obra mais plástica*" do artista (Andrade, 1963, p. 170).

Foi inclusive Mário, em novembro de 1942, ao escrever um relatório sobre a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, quem apontou a hipótese da existência da pintura do padre Jesuíno sob a pintura do teto da nave. De acordo com seus levantamentos, numa das reformas da igreja, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram retirados os arcos que segmentavam a nave do templo. Com a retirada desses arcos, a pintura dos santos laterais que Jesuíno executou em grupos de quatro, mais a figura central, ficaram deslocados, desproporcionais, e como estes já se encontravam escurecidos pela ação dos vernizes (usados na época para proteção das pinturas, já que não havia restauro), um novo artista foi chamado para repintar o painel central, centralizando-o na nave agora sem os arcos de segmentação. Esse novo artista contratado pelos carmelitas foi Pedro Alexandrino, ainda moço, antes de seus estudos na Europa (figura 6).

Entretanto, ao passar por uma nova reforma nos anos 1920, coordenada pelo arquiteto Ricardo Severo, este devolveu os arcos segmentadores da nave, para recuperar a aparência original do templo (figura 7). Ao recolocá-los, estes cobriram parte do painel central de Pedro Alexandrino. A partir daí, Mário de Andrade concluiu que, se na época que Jesuíno executou a pintura do teto do Carmo os arcos já faziam parte do forro da nave, provavelmente Jesuíno colocou seu painel central exatamente sobre o centro do intervalo entre os arcos centrais. Restaria saber se, antes da pintura de Pedro Alexandrino, o teto



Figura 6. Detalhe do painel central pintado por Pedro Alexandrino moço, em fins do século XIX. Fotografia de Germano Graeser para o SPHAN, em 1937.

havia sido raspado para receber nova pintura, ou se a nova pintura havia sido executada sobre a pintura existente. Para completar, na década de 1950, um pintor desconhecido foi chamado pelos carmelitas para retocar a pintura de Pedro Alexandrino, o que acabou por descaracterizá-la grosseiramente. Trabalhos de prospecção realizados nos anos seguintes demonstraram que

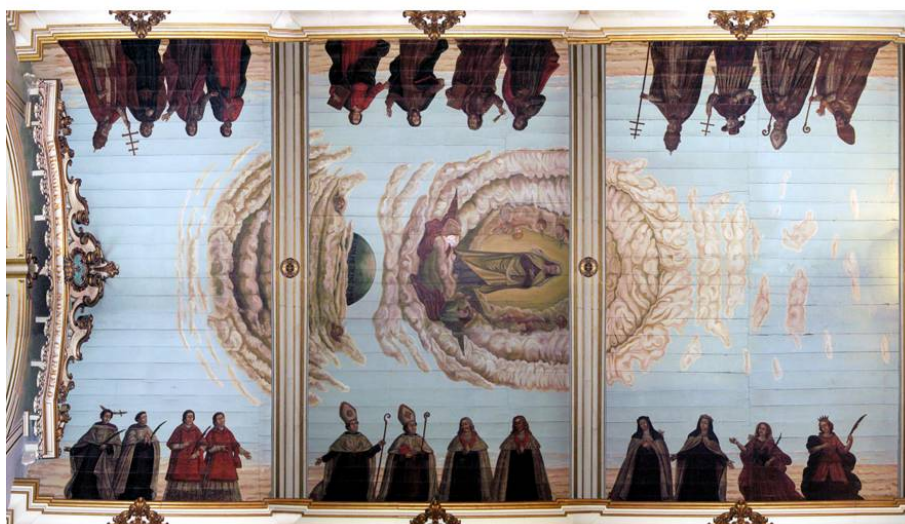


Figura 7. Montagem da pintura da nave da igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo com o painel central interrompido pelos arcos segmentadores. Santos e beatos carmelitanos das laterais de autoria do padre Jesuíno do Monte Carmelo. Século XVIII.

havia outras camadas de pintura de períodos anteriores por baixo da pintura, e que estas estavam em ótimo estado de conservação.

Enfim, com a intensificação das pesquisas por parte do historiador Carlos Cerqueira e o andamento do processo de tombamento do templo, conjuntamente com os avanços técnicos na área de restauro, foi possível determinar se a obra do padre Jesuíno ainda encontrava-se a salvo e o real estado da pintura. Com o tombamento do bem, que incluía a pintura “*invisível*” do padre Jesuíno, começaram os trabalhos de recuperação da pintura original. Finalmente, em 2008, o resultado foi apresentado ao público (figura 8).

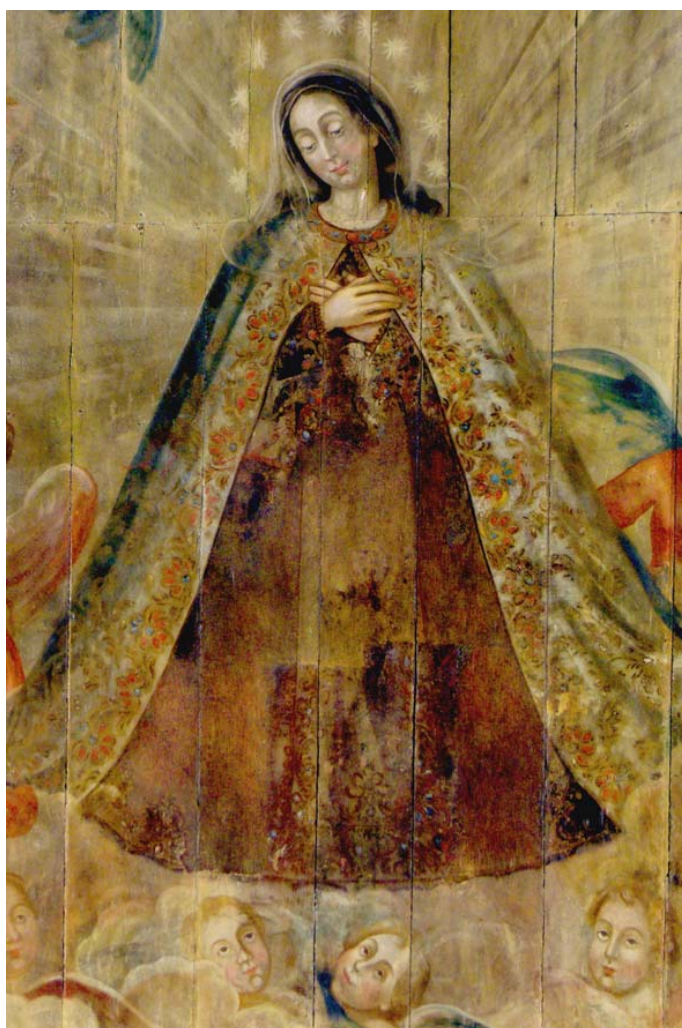


Figura 8. Detalhe de Nossa Senhora do Carmo pintada por Jesuíno do Monte Carmelo entre 1796-1798. Painel central da nave da Capela da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo.

Desse modo, o aprofundamento no estudo da arte sacra da Capela da Ordem Terceira do Carmo e a análise da recém-descoberta obra pictórica do padre Jesuíno do Monte Carmelo serão indispensáveis para se compreender um novo capítulo da história da arte paulista e da arte brasileira.

NOTAS

¹ Matérias publicadas nos jornais O Estado de S. Paulo em 04 de dezembro; e Folha de S. Paulo em 05 de dezembro, entre outros.

² Ou simplesmente Igreja do Carmo, está localizada no centro da cidade de São Paulo, próxima da Praça da Sé e da Catedral de São Paulo, na Av. Rangel Pestana, 230 – Centro – São Paulo / SP.

³ De agosto a novembro de 2008. Conforme informações do restaurador Julio Moraes, da empresa Julio Moraes Conservação e Restauo Ltda., coordenador dos trabalhos de restauro na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo.

⁴ Carlos Gutierrez Cerqueira é historiador da 9.ª Superintendência Regional do IPHAN/SP e foi o responsável pelo Processo de Tombamento da Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo (n.º 1176-T-85). A partir da década de 1980 o historiador passou a estudar a Igreja do Carmo e a organizar os dados que subsidiaram seu tombamento, incluindo no processo o tombamento da pintura oculta – *invisível* – de Jesuíno do Monte Carmelo.

⁵ O convento e a igreja da Ordem Primeira foram transferidos para a Rua Martiniano de Carvalho, 114 – Bela Vista – São Paulo / SP, onde nova igreja, em estilo neocolonial, foi construída para abrigar os frades. Para a nova igreja foram transferidos grande parte dos retábulos originais do século XVII, salvos da demolição da antiga igreja. Todavia, as pinturas do século XVIII dos tetos da nave e da capela-mor foram perdidos sem que nenhum registro pictórico ou fotográfico tivesse sido realizado.

⁶ O Recolhimento de Santa Teresa foi o primeiro convento de mulheres da cidade de São Paulo, fundado no século XVII e mantido pelas freiras carmelitas. No início do século XX o convento foi desapropriado e demolido, dentro do plano de reurbanização do centro da cidade. Conseguiu-se salvar as pinturas em caixotões do teto da nave da capela das freiras, pintadas pelo padre Jesuíno no século XVIII e representando cenas da vida de Santa Teresa Doutora. Essas pinturas foram doadas em 1924 pelo então Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, para a Ordem Terceira do Carmo e lá permanecem expostas no corredor lateral esquerdo.

REFERÊNCIAS

LIVROS

ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. São Paulo: Martins Fontes. Coleção Obras Completas de Mário de Andrade, 1963.

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. 2. ed. revista e atualizada. Coleção Brasileira, volume 331.

AZEVEDO, Militão Augusto de. *São Paulo nos anos de 1860*. Coordenação, legendas e mapas: Pedro Correa do Lago. Rio de Janeiro: Capivara, 2001.

CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. *José Patrício da Silva Manso (1740-1801): um pintor colonial paulista restaurado*. São Paulo: 9.ª SR / IPHAN, 2007. Projeto Documentação de Bens Culturais e Monumentos Tombados.

ETZEL, Eduardo. *O Barroco no Brasil: Psicologia - Remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul*. São Paulo: Melhoramentos - USP, 1974, 2 ed.

FLEXOR, Maria Helena O. (org.). *O conjunto do Carmo de Cachoeira (BA)*. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2007.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. *O álbum de Afonso: a reforma de São Paulo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001.

MONTEIRO, Raul Leme. *Carmo: patrimônio da história, arte e fé*. São Paulo, 1978.

TIRAPELI, Percival. *Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. Organizador Percival Tirapeli. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - UNESP, 2 ed., 2005.

_____. *Igrejas Barrocas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Metalivros, 2008. Edição bilíngue.

_____. *Igrejas Paulistas: barroco e rococó*. Percival Tirapeli pesquisa e texto; Manoel Nunes da Silva, fotografias. São Paulo: UNESP - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CAPÍTULOS DE LIVROS

AJZENBERG, Elza. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo in Igrejas Paulistas: barroco e rococó*. Percival Tirapeli. São Paulo: UNESP - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p. 70-75.

BONAZZI DA COSTA, Mozart Alberto. *A Talha dourada na antiga província de São Paulo: exemplos de ornamentação barroca e rococó in Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. Organizador Percival Tirapeli. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - UNESP, 2 ed., 2005. p. 60-81.

SALOMÃO, Myriam e TIRAPELI, Percival. *Pintura Colonial Paulista in Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. Organizador Percival Tirapeli. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - UNESP, 2 ed., 2005. p. 90-117.

FONTES DOCUMENTAIS

CAPELA DE SANTA TERESA DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO DA CIDADE DE SÃO PAULO. São Paulo: Monografia do 9.ª SR / IPHAN, 1988. Revisada e aumentada com os pareceres técnicos que subsidiaram o processo de tombamento 1176-T-85 (1996).

INVENTÁRIO DE BENS MÓVEIS da Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. Organizado pela equipe da prof.ª Serafina Traub Borges do Amaral, em setembro de 1981. Arquivado na 9.ª SR – IPHAN sob inscrição MTSP 64.4, 2 volumes, 1984.

MORAES, Júlio Eduardo Correia de / JULIO MORAES Conservação e Restauro Ltda. *Lauda Técnico de Exames: Forro policromado da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo - SP*. São Paulo, 23 de dezembro de 2007, 70 p.

_____. *Relatório técnico de restauro: painel “Nossa Senhora com o Menino e Santa Teresa” na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo - SP*. São Paulo, fevereiro de 2007, 30 p.

_____. *Relatório técnico de serviços: projeto piloto de restauro do forro policromado da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo – SP*. São Paulo, 18 de dezembro de 2008, 19 p.

CURRÍCULO

Eduardo T. Murayama é licenciado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e com Especialização em História da Arte pela Universidade São Judas Tadeu. Atualmente é mestrando do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, desenvolvendo pesquisa sobre a arte sacra da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, sob orientação do prof.º Dr. Percival Tirapeli.